

## Os irmãos Mügge: da Alemanha para as Américas

Erny Mügge

(Comunicação no IHSL em 30/11/2019)

Ao decidirmos pela pesquisa de nossos antepassados (casal Heinrich e Elisa Kalkmann Mügge) não queríamos apenas montar a genealogia da família, o que por si só já se apresentava como enorme desafio. Nosso interesse era também e especialmente pelo contexto histórico. Logo nos perguntamos pelas razões de terem deixado a sua família na Alemanha... Por que não teriam acompanhado seus irmãos que emigraram para os Estados Unidos? Afinal, teria sido mais seguro. Por que o casal teria vindo exatamente para a então Colônia de Estrela? O que os teria atraído? Como teria sido à época Arroio Secco? Quais as dificuldades que teriam enfrentado? Como teriam se comunicado com a família nos Estados Unidos e na Alemanha? Onde estariam as gerações que se sucederam?

Depois de quase três anos de pesquisas é possível classificar os resultados



### O sonho dos irmãos Mügge

*da Alemanha para as Américas*

Erny Mügge | Leia Hausentein | Miquelins Henrique Mügge | Tobias Roberto Mügge



Capa do livro: foto acima, família Mügge no Brasil.

Foto abaixo: família Mügge nos EUA.

em quatro grandes blocos: 1) A Alemanha, especialmente até a emigração do casal Mügge, com informações sobre as causas da emigração, sobre a região em que nasceu e de onde emigra o casal de imigrantes; 2) o Brasil e a imigração e as então Colônias de Estrela e Teutônia; a chegada do casal no Brasil, à localidade de Arroio Secco, então Colônia de Estrela (hoje município de Imigrante); 3) a vida dos Mügge nos EUA, com uma retrospectiva da emigração dos irmãos Hermann e Carolina Mügge e do estabelecimento de sua família nos Estados Unidos da América; e finalmente, 4) a genealogia dos descendentes.

Para compor esse quadro baseamo-nos em fontes documentais, especialmente em Livros de Registros Luteranos do Vale do Taquari, em correspondência trocada entre familiares e em vasta bibliografia. Além de visitas a parentes na região, também estabelecemos contato com familiares na Alemanha e nos Estados Unidos.

A seguir, apresento brevemente os resultados da pesquisa:

Desde o século XIX, pessoas empobrecidas de região de Osnabrück tinham a opção de assumir trabalhos sazonais na Holanda. Lá, trabalhavam por um tempo determinado – normalmente por três a quatro meses –, reuniam poupança, e retornavam para suas casas, garantindo a manutenção de sua família até o ano seguinte. Alguns, no entanto, acabavam se casando na

Holanda e se estabelecendo no país vizinho como imigrantes definitivamente (Lesger, Lucassen e Schrover, 2002). Tal processo à época ganhou o epíteto de *Hollandgängerei*, ou “mania de ir à Holanda”.



Hof Mügge, 1954. Fonte: Arquivo da família Mügge, na Alemanha.

Osnabrück era marcada pela presença de *Höfe* rurais. Ali, a produção agrícola era fundamental para a sobrevivência das famílias. As propriedades deveriam ser grandes suficientemente para que se pudesse plantar e colher quase tudo que fosse necessário para alimentar um casal, filhos, irmãos, pais e avós. No início do século XIX, era praxe que somente um dos filhos (normalmente o mais velho) herdasse a grande propriedade. Ou seja, era proibido desmembrar mesmo os lotes maiores. Os demais familiares, irmãos e irmãs mais novos e família extensa, residiam em casebres com pouco ou nenhum terreno para si, trabalhando para o principal herdeiro (geralmente sem se casar). Não à toa essas pessoas eram a maioria dos migrantes no período.

Essa tradição se enfraqueceu paulatinamente no século XIX, dando vez à herança igualitária – como no caso brasileiro. A concessão de direitos iguais aos herdeiros e herdeiras, no entanto, teve resultado ainda pior: as propriedades, cada vez menores, não mais eram suficientes para o sustento de uma família. O afrouxamento dos casamentos arranjados (que visavam garantir a manutenção das propriedades) ainda piorou a situação: mais famílias se constituíram e não conseguiram sustentar suas proles, em especial em momentos de crise, alta dos preços e revolução industrial.

No século XIX, uma tempestade de mudanças abalou o sustento e a renda das famílias de Osnabrück e a emigração era uma opção. De fato, a perspectiva de conseguir terra própria no novo mundo era muito tentadora. No outro lado do Atlântico, projetos de atração de imigrantes chegavam aos ouvidos dos camponeses alemães. Estados americanos, representantes locais e agências de navegação se associaram, facilitando o trânsito entre a Europa e as Américas. Famílias de Osnabrück e seus distritos (como Bramsche, Atter e Engter, onde há registros do sobrenome Mügge) decidiram “fazer a América” (Fausto, 1999).



Dorfstrasse, em Engter. Aos fundos, a igreja St. Johannes. Fonte: Wilhelm Mügge.

Entre 1871 e 1885, um milhão e meio de alemães emigraram rumo às Américas. Anualmente, cerca de 1% do total dos habitantes de Osnabrück deixara suas casas. Conforme registros locais, 1.170 pessoas migraram do distrito paroquial de Engter entre 1820 e 1910: entre eles, pelo menos nove membros da família Mügge. Saíram fugindo da fome e da miséria, do recrutamento militar forçado e dos salários cada vez mais baixos, que impossibilitavam o sustento familiar digno. Registros de saída e chegada mostram que uma mulher e dois homens (irmãos) da família Mügge rumaram à América no período crítico após a reunificação (1871-1880): Caroline Mügge (nascida em 1849) chegou em Nova Iorque em 1872, pelo navio *Ohio*; Heinrich Mügge (nascido em 1854) chegou no Rio de Janeiro em 1880, pelo navio *Graf Bismarck* (com escala na Antuérpia); e, finalmente, Hermann Mügge (nascido em 1858) chegou em Baltimore em 1881, pelo navio *Hermann*.

### **Os primórdios em Arroio Secco**

Heinrich Mügge e sua esposa rumaram ao sul do Brasil, tendo como destino final uma pequena localidade da Colônia de Estrela, no vale do rio Taquari: Arroio Secco. A região passava por longo e paulatino processo de ocupação que se iniciara em 1856, com a atuação de diversos negociantes. No final do século XIX, Carlos Schilling “fundou a Empresa Colonizadora Carlos Schilling, Lothar de la Rue, Jacob Rech e Guilherme Kopp & Cia”. Schilling e seus sócios adquiriram do governo da província terras na região, as lotearam e venderam aos imigrantes que rumavam ao Brasil em busca de uma vida melhor, de um sonho aventureiro, ou, em última instância, de um refúgio longe das guerras e dos problemas políticos europeus (Hessel, 2004, p. 24).

O casal Heinrich e Elisa Mügge chegou ao vale do Taquari quando estavam sendo desbravadas as picadas ao norte da colônia de Teutônia, tributária de Estrela, área que engloba terrenos acidentados das encostas do

planalto, de difícil acesso e manejo, tais como as picadas Berlim, Arroio Secco, Frederico Guilherme e Imhoff. Klaus Becker (1963, p. 221) informa que a atuação do pastor Wilhelm Kleingünther (natural de Ibbenbüren, bem próximo de Osnabrück/Atter) foi fundamental para que a região fosse ocupada por imigrantes alemães vestfalianos luteranos (a maioria da população da Vestfália era católica). Os Mügge, que eram luteranos e moravam na província prussiana de Hanover, mas muito perto da fronteira com a Vestfália, possivelmente tenham ouvido falar das histórias de Kleingünther sobre Teutônia e decidido migrar também para lá.

Conforme Ferdinand Schröder (1936, p. 123), as comunidades de Arroio Secco e as Picadas de Friedrich Wilhelm e Imhoff foram visitadas pela primeira vez pelo pastor Ferdinand Häuser, de Teutônia, no ano de 1879. O próprio Häuser legou relato sobre sua passagem por lá: “a primeira visita neste novo local de mata virgem foi inesquecível. [...] não havia em nenhum lugar vinho e pão, e as mulheres disseram, com lágrimas nos olhos, que se poderia tomar água em vez de vinho [na Santa Ceia]”.

A partir desse e de outros relatos contemporâneos, é possível imaginar que os primeiros dez anos da família Mügge em Arroio Secco (mais precisamente na picada Frederico Guilherme) tenham sido de descobertas, novas experiências em comunidade e isolamento, e de dificuldades diversas, em especial relacionadas à falta de infraestrutura (especialmente no que se refere a estradas, escolas e hospitais). O cuidado médico era precário ou inexistente. A presença de um pastor ordenado – a espiritualidade era parte integral da vida particular e em sociedade das pessoas no século XIX – veio a se consolidar somente em agosto de 1890. Por dez anos, os colonos dependeram de visitas esporádicas do pastor de Teutônia e também criaram e reinventaram suas próprias práticas pastorais em conjunto.

Os relatos do pastor Johannes Schumann, direcionados para Friedrich Fabri, revelam a situação em que os Mügge e seus vizinhos viviam no final do século XIX. Conforme Schumann, em Arroio Secco, “[em 1890] está faltando tudo... Não há nem templo, nem casa pastoral, nem comunidade...”. Também do relato do recém-chegado Schumann é possível extrair informações mais gerais sobre a região: “As duas principais picadas, Arroio Secco e Azevedo Castro localizam-se numa região encantadora, no meio de montanhas cobertas de mato. É necessário acrescentar, no entanto, que as estradas são íngremes e difíceis de transitar, assim que, principalmente, em épocas de chuva, são intransitáveis a cavalo.”

Com o passar dos anos, a organização da comunidade luterana da qual participavam os membros da família Mügge melhorou bastante. Já em 1891 ela havia “aumentado consideravelmente”, conforme o mesmo Johannes Schumann: “são aproximadamente 90 as famílias até agora filiadas”, informa ele ao inspetor Schreiber, substituto de Fabri em Barmen, em 10 de dezembro de 1891. Os luteranos da região de Arroio Secco já haviam construído uma nova casa pastoral, “cercada por um pequeno jardim de flores, pequena, mas construída com esmero” e uma escola comunitária. Apesar desse avanço, Schumann continuava a chamar a região onde os Mügge e seus vizinhos moravam de “selva”.



Sociedade Recreativa União, fundado em 03/05/1895. Década de 1910. Fonte: Norma S. Rieger.

A virada do século XIX para o século XX foi um período de grandes mudanças para os Mügge em Arroio Secco (por vezes também chamado de Seca Rica). As fotos da família mostram que eles participavam ativamente da vida comunitária na igreja luterana e nas sociedades de canto. Enquanto Arroio Secco se desenvolvia (colonos enriquecidos abriam vendas e artesãos suas oficinas), a família Mügge aumentava. Entre 1881 e 1901, nasceram 9 filhos (um falecido ainda criança). As correspondências com parentes na Alemanha e nos Estados Unidos revelam que, no Brasil, se levava uma vida muito diferente em alguns aspectos, mas com algumas similaridades em outros. Além disso, percebe-se que apesar das distâncias se estabeleceu uma rede de informações entre os parentes e parece que não viviam tão isolados como imaginávamos.

### **De Arroio Secco a Arroio da Seca e Imigrante**

Os nossos antepassados trouxeram com eles a preocupação com a educação escolar, de forma que, à medida que a população crescia, aumentava também o número de escolas. Em 1888 já havia duas escolas em Arroio Secco. E, conforme levantamento feito pelo pastor da Comunidade Evangélica de Arroio da Seca, em 1930 existiam em sua área de abrangência 9 escolas, com 289 alunos (183 evangélicos e 106 católicos). Destas, 4 eram administradas pela comunidade (católica ou evangélica), 4 eram mistas (comunitária e pública) e uma pública unicamente. Moravam na mesma área geográfica 1.590 pessoas evangélicas e 420 católicas, totalizando 2.010 moradores.

Em 18 de fevereiro de 1922 a Comunidade Evangélica de Arroio Secco decidiu pela construção de sua igreja. Até então, os cultos continuavam sendo realizados no prédio da Escola na Linha Imhoff. Em fevereiro daquele ano come-



Picada Imhoff. À direita, no topo, Escola 7 de Setembro. Fonte: Elite e Ary Mügge.



Igreja da Paz – consagrada e inaugurada em 27/05/1923. Fonte: Paróquia Evang. Imigrante.

çaram as obras e o prédio, em 14 de maio foi feito o lançamento da pedra angular e em 27 de maio de 1923 a Igreja da Paz foi consagrada. Em 1938 a igreja foi reformada. Em 1951 foi construído o anexo e em 1952 foi inaugurado o monumento da imigração, na praça defronte a igreja.

Em relação ao acesso por estradas, cabe destacar o que escreve Josefina Wiersch (1930), a respeito de sua viagem em 1920 entre Estrela e Secca: “De Estrela até a Secca havia duas opções de viagem: no lombo de cavalos ou com uma diligência. Por causa do tempo ruim, optamos pela segunda. Pagamos o equivalente a 20 dólares para a viagem de duas horas com um velho Ford. Não foi uma viagem confortável em estrada muito ruim pela mata. *Es ging über Stock und Stein*, isto é, ia sobre tocos e pedras, conforme ela. Uma de nossas malas se desprende e voou longe. Minha irmã, com um grupo de pessoas, estavam me esperando numa picada no meio do mato (Urwaldspikade).” Ela ainda afirma que ficou impressionada com o que os moradores locais conseguem fazer com meios primitivos. Assim essa ponte de madeira (Holzsteg), que passa pelo alto, por cima do arroio Secca, sendo na realidade uma ponte com cabos de aço, bem primitiva, sem apoios a não ser os postes fincados na terra em cada lado. Quando o arroio tem muita água essa é a única possibilidade de travessia entre um e outro lado. ... As crianças também a utilizam para ir à escola, que fica do outro lado da estrada principal. Quando elas não conseguem passar com seus cavalos pelo arroio amarram seus cavalos e seguem a pé até a escola.



Ponte pênsil sobre o ar. da Secca. Foto: Erny Mügge.

Quanto à assistência e à saúde parece que houve grande preocupação, especialmente a partir de 1910. Conforme Hessel (2004), Arroio da Secca cedo amanheceu em suas preocupações curativas: já na década de 1910 clinicava Carlos Trabber, natural da Suíça, a quem sucedeu em 1921 outro suíço, o Dr. Ulrich Sebastian Neff (faleceu em Itapiranga em 1961) que lá permaneceu por mais de uma década (até fevereiro de 1933). Participara da Primeira Guerra Mundial e superando a gripe espanhola na Europa buscou ares puros no Novo Mundo (casou-se em Corvo com Margot Wiersch, cuja mãe, Josefina Ana Daniel Wiersch, publicou o livro *Durch drei Welten* (1930). Como não havia hospital a atividade ambulatorial e hospitalar (que se estendia a toda a região) era exercida em três hotéis da localidade (Ho-

tel Familiar, de Pedro José Stein; Hotel Kaplan e Hotel Krabbe). Atendia chamados de toda parte e se deslocava a cavalo por picadas e morros. Na década de 1930 o Dr. Ito João Snel instalou o primeiro hospital em Arroio da Seca.

Falando em Primeira Guerra Mundial, ela terminou em novembro de 1918. Os efeitos na Europa foram devastadores. Reflexos também foram sentidos na Comunidade de Arroio Secco, inclusive pela família Mügge. O Brasil entrou na guerra, ao lado dos franceses e ingleses. Nesta época de grandes dificuldades, o P. Hennig escreve: “Apesar da guerra os cultos e ofícios, inclusive os sepultamentos na Paróquia puderam ser realizados em língua alemã e, isto, por causa da consideração dos órgãos públicos de Estrela, que são muito tolerantes. Não fomos impedidos de falar a nossa língua materna. Veio muito ao nosso encontro também o Juiz de Paz José Prediger”. Em relatório da Paróquia da Secca de 1920 consta que foram coletados 596 mil-réis para a compra de alimentos para a Alemanha. A sobrinha de Heinrich Mügge, Anna Mann, filha mais velha de sua irmã Helene Elisa Mügge Reling, faz menção a esta coleta em sua carta aos familiares em Arroio Secco.

### **Encerrando...**

Fazem exatos 140 anos desde que Heinrich e Elisa Kalkmann Mügge (com seus pais Heinrich e Catharina e os irmãos Christian, Bernhard, Heinrich, Anna e Francisca) partiram de Atter, Osnabrück, para o desconhecido Arroio Secco. Estamos já na quinta e sexta geração. Neste período a família Mügge cresceu e se multiplicou. Nasceram 8 filhos (na primeira geração); 31 na segunda geração e 95 na terceira geração...

Hoje os descendentes estão espalhados por mais de uma dezena de estados. Não há números exatos. À medida que folhas caem novas vão brotando e se desenvolvendo. A árvore é frondosa, multicolorida. Para muitas das perguntas que nos fizemos no início, encontramos respostas, algumas vezes somente de forma parcial. Outras, suscitaram mais indagações. As dezenas de visitas e conversas foram fonte de muitas descobertas. Ainda encontramos alguns remanescentes da segunda geração. Tudo isso nos ajudou muito a reconhecer e identificar imagens, a desvendar fatos encobertos, mitos, lendas, memória, histórias... Pudemos cruzar informações, elencar aspectos importantes sobre acontecimentos conhecidos e desconhecidos. As pesquisas em documentos, relatórios, obras já publicadas serviram de base para reconstituir a trajetória histórica da família.

### **Referências**

- Fausto, Boris. *Fazer a América*. A imigração em massa para a América Latina. São Paulo: EdUSP, 1999
- Hessel, Lothar. *O município de Estrela*. História e crônica. Porto Alegre: EST, 2004.
- Lesger, Clé; Lucassen, Leo; Schrover, Marlou. Is there life outside the migrant network? *Annales de Démographie Historique*, v. 2, n. 104, 2002, p. 25-50.
- Schröder, Ferdinand. *Brasilien und Wittenberg*: Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien. Berlin/Leipzig: Walter de Gruyter & Co., 1936.



Wiersch, Josefine. *Durch drei Welten: Lebenweg einer deutschen Frau*. Saarbrücken: Saarbrücker Druckerei und Verlag AG, 1930.

**O livro “O sonho dos irmãos Mügge: da Alemanha para as Américas” será publicado no último trimestre 2020 e estará disponível para aquisição em [vendas@oikoseditora.com.br](mailto:vendas@oikoseditora.com.br)**